Laeticia Medeiros Jalil
José Nunes da Silva
(Organizador/a)

2023

APRENDIZADOS COM A VIDA:

O PROJETO AVACLIM VISIBILIZANDO A AGROECOLOGIA NOS SEMIÁRIDOS DO MUNDO – O CASO BRASILEIRO.

Atena
Editora

Editora chefe
Prof^a^ Dr^a^ Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Organização
JALIL, laeticia.
SILVA, J. N. da.

Autores
JALIL, Laeticia Medeiros.
SILVA, José N. da. FREITAS, Helder Ribeiro. MARINHO, Cristiane M. CAVALCANTE, Marcelo C., Aldrin M. Perez-Marin.

Conselho Editorial
Dra. Ana Maria Dubeux Gervais – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Dr. Denes Dantas Vieira – Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Dr. Jorge Luiz Schirmer De Mattos - Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Dra. Lucia Marisy Souza Ribeiro De Oliveira - Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Bolsistas do Projeto
Danielle Nascimento, Luana Silva, Lucas Ricardo Souza Almeida, Lauriane Castro do Nascimento, Maria Beathriz Barbosa.

Relatoria
Núcleo JUREMA/ UFRPE. Laeticia Jalil, Maria Beathriz Barbosa, Luana Silva, Danielle Nascimento

Projeto Gráfico
Emanuela Castro e Micaelle Lima

Capa e Ilustração
Priscila Lins

Facilitação Gráfica
Priscila Machado e Rosely da Silva

Sistematização e Relatoria Poética
Caio Meneses

Revisão ortográfica
Camilla Iumatti e Laís Neckel

Impressão e acabamento
Provisual

PREFÁCIO

(Paulo Pedro de Carvalho – Coordenador de Mobilização de Recursos do CAATINGA e Coordenador do Projeto AVACLIM no Brasil pelo CAATINGA)

É uma honra poder contribuir com estas humildes palavras que ocuparão o espaço do prefácio desta publicação que representa o esforço e dedicação de sistematização e materialização dos resultados de uma missão cumprida com louvor, muita determinação e cumplicidade entre diferentes sujeitos e sujeitas – instituições de ensino, pesquisas e extensão, ONGs, redes e articulações, famílias camponesas e suas organizações e movimentos de base - que já escolheram um caminho comum e compartilhado na defesa do bem viver através da agroecologia. Aqui leitores e leitoras encontrarão dados científicos, opiniões e posicionamentos construídos conjuntamente e cuidadosamente, que consolidam evidências e certezas da capacidade das experiências agroecológicas da agricultura camponesa em transformar vidas, promovendo a fartura e a abundância, a cidadania e o equilíbrio do planeta terra. Esta oportunidade e, o que a faz mais emocionante e prazerosa, vem

acompanhada de desafios, provocações e ensinamentos, foi oferecida pelo projeto **AVACLIM - Agroecologia, Garantindo Segurança Alimentar e Meios de Vida Sustentável, Mitigando Mudanças Climáticas e Restaurando Terras em Regiões Secas.** Um esforço grandioso e complexo, de mais de um década, de um conjunto de organizações da sociedade civil ligadas à Drynet (sigla em inglês para Rede Secas em português), envolvidas com a implementação da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (UNCCD).

Nesta primeira fase – Janeiro/2020 – Dezembro/2022, o AVACLIM foi implementado em 7 países, sob a coordenação nacional de 7 ONGs, em 3 continentes (Américas – Brasil/CAATINGA; África – África do Sul/EMG, Burkina Faso/ARFA, Etiópia/ISD, Marrocos/Agrisud e Senegal/ENDA; Ásia – Índia/GBS). Tendo a Coordenação Central sediada na França pelo CARI - Centre d'Actions et de Réalisations Internationales e as Coordenações de Componentes: EMG (África do Sul) no Componente 1: Sistematização de Experiências Agroecológicas; IRD/CIRAD e SupAgro Montpellier (França) no Componente 2: Científico – Estudo e Análise de Experiências Agroecológicas, Aplicação de Ferramentas e Métodos; BothEnds (Holanda) e CARI (França) no Componente 3: Incidência política (local, regional, estadual, nacional, internacional); CARI (França) no Componente 4: Comunicação – visibilidade da utilidade da agroecologia para solução de problemas complexas e sistêmicas.

Assumindo a responsabilidade da coordenação do projeto no Brasil, o CAATINGA foi corajoso e muito estratégico, não teve dúvidas do caminho que precisava trilhar para assegurar que a oportunidade não seria desperdiçada. Assim, estabeleceu um processo de articulação com organizações do movimento agroecológico regional do semiárido, com quem já vem construindo parcerias desde há algum tempo. O que pareceu tornar as coisas mais complexas e, consequentemente, de mais difícil gestão, mesmo sendo um fato, foi a chave para a grandiosidade dos alcances do projeto no país. Quando a orientação original do projeto sugeria a identificação de um parceiro científico nacional e um(a) estagiário(a), a prática e o destino nos mostrou que havia muito mais sujeitos com potencial e disposição para compartilhar esta missão com a instituição à frente. Assim foi construído e batizado conjuntamente o grupo principal de

implementação do projeto, o Consórcio Científico Popular AVACLIM Brasil, composto mais diretamente, por 12 organizações: 5 instituições de ensino, pesquisa e extensão: 1. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (líder do Consórcio, através da professora Laetícia Jalil), 2. Universidade do Vale do Rio São Francisco – UNIVASF (através do professor Hélder Freitas), 3. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB (através do professor Marcelo Casemiro), 4. Instituto Federal do Sertão – IF Sertão (através da professora Cristiane Marinho), 5. Instituto Nacional do Semiárido – INSA, do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC (através do Pesquisador e Professor Aldrin Perez); e 7 Organizações Não Governamentais, membros de várias redes e articulações nacionais, regionais e mundiais: 1. Agricultura Familiar e Agroecologia – ASPTA, 2. Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não Governamentais Alternativas – CAATINGA, 3. Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador – CETRA, 4. Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA, 5. Programa de Aplicação de Tecnologia Apropriada às Comunidades – PATAC, 6. Centro de Desenvolvimento Agroecológico – SABIÁ, 7. Núcleo Jurema - Feminismo, agroecologia e ruralidades/UFRPE, e 8. Núcleo Temático Sertão Agroecológico/UNIVASF.

Mas os protagonistas principais nem de longe, esgotam no parágrafo acima, outro sujeito fundamental, tanto quanto importante, foi a contratação da assessoria programática, metodológica e em tradução inglês-português do Wouter van Oosterhout que, muito além de um profissional capacitado e comprometido, é um militante da agroecologia e em defesa de vida digna no semiárido e no planeta. Destacar também a importante contribuição dos/as estagiários/as (Luana, Danielle, Beathriz, Claudivan, Lucas, Jannah, Luiza, Laureane Castro, ...) que, mais que aprendizes, foram de grande importância nos debates e construção de conhecimento, na organização e realização de eventos e nos processos de registros e relatórios, também militantes que o AVACLIM ajudou na formação.

Ops! Jamais vamos esquecer das ricas e lindas contribuições do poeta Caio Meneses, com o seu dom na poesia, colaborando moderações poéticas dos eventos, uma significativa e simbólica inovação e destaque nas ativi-

dades do projeto no país. Podemos afirmar com toda certeza que esta grande equipe, representando as diversas organizações, são sujeitos e sujeitas militantes do movimento agroecológico, isto, de fato, não é um mero detalhe, é a essência do que representa os resultados alcançados no Brasil.

É preciso agradecer
Ao projeto AVACLIM
Por nos conseguir fazer
Um evento bom assim
Esse dia de evento
Floresce no pensamento
De cada uma de nós
Como a semente no ar
Que a gente possa espalhar
Para o mundo a nossa voz
Porém essa massa crítica
De saberes velho e novo
Tem que tornar-se política
No dia a dia do povo
A cisterna tem mostrado
Que um programa de Estado
Quando começa do chão
Faz da agroecologia
Alta Tecnologia
De conviver no Sertão

Caio Meneses

Mas as famílias agricultoras foram as protagonistas centrais, elas que têm e vivem, na prática cotidiana, as experiências agroecológicas. Na seleção das experiências mais diretamente participantes na aplicação do método AVACLIM, também teve ousadia, mas também necessidade, de envolver 10 experiências (4 de Pernambuco – 2 do Sertão do Araripe assessoradas pelo CAATINGA e 2 do Sertão do Pajéu assessoradas pelo SABIÁ; 2 da Bahia – Sertão do São Francisco assessoradas pelo IRPAA; 2 do Ceará - Território Vales do Curu e Aracatiaçu assessoradas pelo CETRA; 2 da Paraíba – 1 do Semiárido Paraibano assessorada pelo PATAC e 1 no Pólo da Borborema assessorada pela ASPTA), na primeira fase de identificação e sistematização. Das 10, mesmo com dificuldades, pois todas são muito ricas e representativas, foram escolhidas 4 (1 de PE, 1 da BA, 1 da PB e 1 do CE) para a segunda fase – etapas 1, 2 e 3 – de pesquisa e aprofundamento, com as quais se pretendia seguir até a fase final – etapa 4 – da pesquisa. Mas pela complexidade, prazos e recursos limitados, seguiu-se com 2 experiências (1 de PE – EcoAraripe no Sertão do Araripe; 1 na BA – ReCaatingamento no Sertão do São Francisco), cumprindo assim com a meta original do projeto.

O AVALCIM dar um bom exemplo e cumpre com uma grande necessidade mundial: fortalecer redes e movimentos que sejam mais capazes de dar visibilidade e promover a agroecologia, através da construção de conhecimentos com trocas de saberes, pesquisa, sistematização, comunicar, visando avançar na agenda política mundial e na opinião pública favorável à agroecologia, como forma adequada para superação da pobreza, promoção da soberania e segurança alimentar e nutricional, preservação, conservação e restauração da biodiversidade e dos ecossistemas. Combatendo à desertificação, enfrentando e adaptando as culturas e meios de vida dos territórios e nações às mudanças do clima.

AVACLIM, sigla em francês para: *Agroécologie, une voie d'Adaptation pour le Changement Climatique* / que em português significa: Agroecologia, uma forma de Adaptação às Mudanças Climáticas.

Sigamos juntos/as em defesa da vida em abundância para todas e todos!

índice

INTRODUÇÃO

A humanidade vive uma crise socio-ecológica-política[1]. Do ponto de vista ecológico as mudanças climáticas revelam-se como uma das principais faces desta problemática. Diferentes organizações da ONU e outros órgãos bilaterais de governança global têm destacado como tais mudanças afetam de forma significativa as distintas regiões do mundo e seus povos. Esses impactos agravam as desigualdades regionais, contribuindo com o aumento da pobreza e da fome, da violência sexista e de gênero, do racismo ambiental, dentre outras mazelas sociopolíticas.

Os semiáridos do mundo são as regiões mais impactadas por essa realidade. As diferentes formas de apropriação da natureza visando intensificar atividades econômicas, a exemplo da agricultura industrial e mineração, aceleram processos de degradação ambiental e social, influenciando os regimes das águas, a qualidade e fertilidade dos solos, causando a extinção de espécies e forçando grandes êxodos e migrações forçadas, dentre outros.

[1] Esse processo é parte do que denominamos de Crise do Antropoceno, em que os seres humanos e seus projetos de desenvolvimento, são os principais causadores da degradação ambiental, perda da biodiversidade, extinção de povos e biomas, fauna e flora. Para saber mais, buscar ALVES; JED,2015.

Parte desses impactos socioambientais é, indiscutivelmente, resultado da escolha feita, mundialmente, pelo desenvolvimento da chamada agropecuária industrial. Em contraposição, a agroecologia se apresenta como um projeto capaz de produzir alimentos, construindo coletivamente processos socio-políticos-econômicos, baseados nas relações de solidariedade e reciprocidade, redefinindo os caminhos dos sistemas agroalimentares locais, com a participação ativa de mulheres e homens, que manejam terras e vida, a partir de outra relação entre sociedades-natureza.

A experiência aqui relatada parte da execução do Projeto AVACLIM - Agroecologia, Garantindo Segurança Alimentar e Meios de Vida Sustentável, Mitigando Mudanças Climáticas e Restaurando Terras em Regiões Secas[2], que adota uma hipótese central de que a agroecologia potencializa a resiliência das experiências das famílias agricultoras e camponesas em terras áridas do mundo.

[2] Para saber mais https://avaclim.org/en/home/

O que é o AVACLIM?

AVACLIM - Agroecologia, Garantindo Segurança Alimentar e Meios de Vida Sustentável, Mitigando Mudanças Climáticas e Restaurando Terras em Regiões Secas[3], é um projeto construído e executado por Centre d'Actions et de Réalisations Internationales - CARI[4], Institut de Recherche pour le Développement - IRD[5], Recherche Agronomique et de coopération internationale pour le développement - CIRAD[6], junto a parceiros internacionais com expressiva e reconhecida atuação nos processos de transição agroecológica nos seus países, a exemplo do CAATINGA – Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas[7], no Brasil, buscando construir bases de evidência sobre a efetividade de experiências agroecológicas no combate à desertificação, e na construção

[3] O Projeto AVACLIM está sendo executado concomitantemente em parceria com organizações locais em 7 países: Brasil, Marrocos, África do Sul, Índia, Burkina Faso, Etiópia e Senegal.
[4] https://www.cariassociation.org/
[5] https://www.ird.fr/
[6] https://www.cirad.fr/
[7] https://caatinga.org.br

de alternativas que enfrentem as mudanças climáticas, preservem a agrobiodiversidade e garantam a Segurança Alimentar e Nutricional.

A partir da sistematização destas diversas experiências, busca-se, junto a atores globais, contribuir com a tomada de decisões políticas em escalas mais amplas, com programas nacionais e internacionais, estabelecendo a agroecologia entre possíveis soluções para as crises mundiais. Outrossim, é central que a agroecologia possibilite o fortalecimento dos processos locais, contribuindo para a incidência política e o reconhecimento da importância da agricultura familiar para as soluções sustentáveis e de garantia da segurança alimentar nos semiáridos do mundo.

A proposta metodológica e suas adequações ao contexto brasileiro

Para implementação do Projeto AVACLIM no Brasil, foi articulado e construído, pelo CAATINGA, um Consórcio Acadêmico e Popular[8]. Esse consórcio formado por pesquisadores/as, estudantes, agricultoras/es, técnicos/as teve um papel importante não apenas para testar a metodologia proposta pelo AVACLIM, mas na articulação conjunta entre as experiências e organizações, assegurando ao diálogo de saberes e o fortalecimento de processos locais. Para nós o projeto chegou como uma oportunidade de mergulhar com maior profundidade nas experiências de transição agroecológicas no semiárido brasileiro, e pensarmos juntes sobre os caminhos, gargalos e as potencialidades de cada uma delas. Outro ponto de destaque foi o desafio de tradução de uma proposta metodológica e sua adaptação à realidade brasileira, como também a comunicação entre os parceiros locais, assegurando ser esse um processo coletivo de construção do conhecimento agroecológico.

[8] Para o arranjo brasileiro foi formado o Consórcio com as seguintes Organizações e instituições de ensino: CAATINGA (www.caatinga.org.br), PATAC (www.patacparaiba.blogspot.com), CETRA (www.cetra.org.b) e IRPAA (www.irpaa.org). As Universidades são Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE (www.ufrpe.br), Universidade Vale do São Francisco - UNIVASF (www.portais.univasf.edu.br), Instituto Federal do Sertão (www.ifsertao-pe.edu.br), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB (www.unilab.edu.br) e Instituto Nacional do Semiárido (www.gov.br/insa/pt-br).

Para nós, um dos princípios fundamentais na construção de qualquer processo de pesquisa e extensão, é assegurar esse diálogo de saberes e a compreensão de todos/as os/as envolvidos/as. Por que vamos fazer, para que serve e como vamos nos apropriar dos dados e processos gerados? Para nós, essa compreensão coletiva do processo vivido torna-se fundamental para reafirmar os processos locais e fortalecer as experiências, em suas distintas realidades.

A primeira questão que nos anima é pensar em que medida o Projeto AVACLIM nos fortalece enquanto consórcio científico e popular, como também para fortalecer as experiências? Como o AVACLIM surgiu como uma oportunidade de trocas e de pensar/repensar nosso fazer agroecológico desde distintos lugares (Organizações de assessoria técnica, Universidades e institutos

federais, e, sobretudo, as experiências e as famílias com seus sujeitos que as compõem, como as mulheres e jovens)?

Partindo dessas reflexões de fundo, apresentamos nesta publicação, a nossa experiência de aplicação do método, as adaptações que foram realizadas, bem como as inovações que inserimos, com o intuito de um aprofundamento maior da compreensão dos processos de transição agroecológica de cada iniciativa (sendo elas coletivas e/ou individuais).

Partindo deste fundamento, trabalhamos com quatro componentes do Projeto AVACLIM no Brasil.

O **primeiro componente** foi a sistematização de experiências, onde foram identificadas entre cinco e dez experiências de cada um dos países participantes no projeto, que foram sistematizadas e debatidas para a criação de uma comunidade de práticas em torno destas experiências. Essa sistematização serviu como base para o levantamento das experiências que apresentavam um potencial de replicabilidade, e que foram aprofundadas no segundo momento da metodologia.

O **segundo componente** consiste no aprofundamento científico e numa análise mais sistemática dessas experiências para o desenvolvimento de uma ferramenta de avaliação da transição agroecológica que pudesse ser utilizada em maior escala e servir de base científica para a construção de argumentos em torno da efetividade das experiências agroecológicas.

O **terceiro componente** é a incidência política, que busca, a partir das experiências aprofundadas, formular e executar estratégias qualificadas de incidência política em nível local, nacional e internacional, de modo a aproximar a agroecologia da tomada de decisão, da formulação de programas e políticas públicas e de uma solução viável para os problemas que estamos enfrentando no mundo, como os ambientais, justiça climática e de gênero, da qualidade de vida no campo, da produção de alimentos, das juventudes rurais, das mulheres, entre outros.

O **quarto e último componente** é o da comunicação, que busca visibilizar as experiências de transição agroecológicas, como potentes alternativas de enfrentamento às mudanças climáticas no semiárido, mas, sobretudo, fortalecer os processos locais, reconhecendo que são práticas fundamentais para a reprodução e sustentabilidade da vida digna, da produção de alimentos

e de relações mais justas. Assim, pensar a comunicação como estratégia para fora, para publicizar, mas também para dentro. Para que as experiências sejam referências nos seus territórios, nas suas comunidades, como metodologias de vida no semiárido e que nos apontem aprendizados fundamentais para a resiliência no semiárido brasileiro.

Entendemos, com isso, que o Projeto AVACLIM proporcionou a consolidação de uma forte comunidade de praticantes e organizações apoiadoras da agroecologia na construção de um projeto robusto que contribua para o seu avanço.

As experiências investigativas para aprofundamento científico metodolígico no âmbito do Projeto AVACLIM – Componente 2

Nesta etapa da investigação foram escolhidas três dentre as dez iniciativas identificadas e apresentadas em Seminário Nacional de Sistematização de Experiências promovido pelo projeto AVACLIM, em parceria com as organizações parceiras do Brasil. Neste momento, para definição e seleção de quais das dez experiências, sistematizadas anteriormente, seriam objeto de aprofundamento de análise, a partir do uso do método AVACLIM, foram criados coletivamente critérios que atendiam aos interesses das organizações parceiras, para além do que previa o Projeto:

- Experiências que interajam com redes locais, regionais, nacionais (de comercialização, certificação, experimentação);

- Que estejam próximas a centros de pesquisa;
- Que fortaleçam múltiplas narrativas (mulheres, juventudes, indígenas, LGBTQI+) e consigam incorporar questões como enfrentamento a violência, divisão justa do trabalho, participação política, protagonismo, autonomia, empoderamento;
- Que fortaleçam a produção de alimentos saudáveis e construam alternativas e respostas para as questões climáticas e processos de desertificação;
- Interação com as políticas públicas;
- Que tenham potencial de adaptação ou replicação e
- Relação com os Biomas nas práticas sustentáveis para a preservação da agrobiodiversidade (sementes, por exemplo).

Tornou-se importante para nós também que fortalecessem a produção de alimentos saudáveis e se dedicassem à construção de alternativas e respostas para as questões climáticas e processos de desertificação. Nesse sentido a interação dessas experiências com as políticas públicas, bem com o seu potencial de adaptação ou replicação nos biomas semiáridos, se relacionando com práticas sustentáveis para a preservação da agrobiodiversidade (como preservação/conservação de sementes, por exemplo), foram características centrais para sua seleção.

Assim, foram selecionadas três experiências, sendo duas coletivas: Ecoararipe (Ouricuri, Sertão do Araripe, Pernambuco) e ReCaatingamento (Uauá, Território Sertão do São Francisco, Bahia); e uma individual, Dona Fafá (Itapipoca, Território Vale do Curu e Aracatiaçú, Ceará).

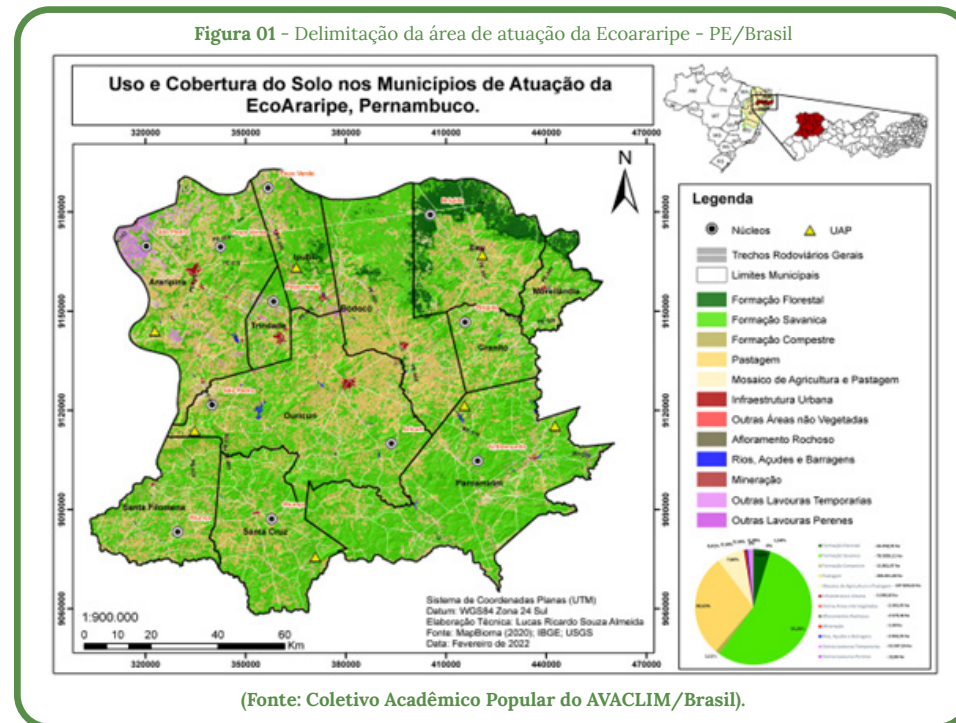
ECOARARIPE

Organização de Assessoramento Técnico Agroecológico: Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não-Governamentais Alternativas - CAATINGA - PE

A Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos do Araripe (ECOARARIPE) é um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica – OPAC[9], reconhecido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, que atua no território Sertão do Araripe e Sertão Central do estado de Pernambuco (Figura 01), constituída em 2012, com 11 grupos de famílias agricultoras.

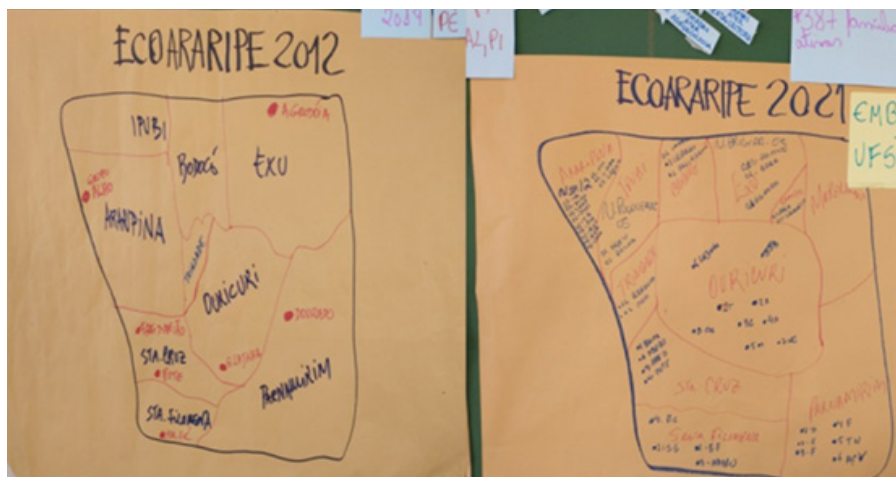
Atualmente a associação conta com 428 sócios/as ativos/as em 48 grupos de famílias agricultoras agroecológicas, organizados em 06 Núcleos por aproximação geográfica, abrangendo todos os 10 municípios do território do Araripe (Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Moreilândia, Ouricuri, Santa Cruz, Santa Filomena e Trindade) e mais Parnamirim no Sertão Central, do mesmo estado.

[9] O OPAC é uma inovação da legislação brasileira de certificação da produção orgânica na qual as famílias agricultoras podem se constituir enquanto organismo de acreditação da certificação orgânica em detrimento da modalidade de Certificação por Auditoria, comumente realizada por agentes externos (público ou privado). Esta modalidade tem sido denominada de "Certificação Participativa".

Figura 01 - Delimitação da área de atuação da Ecoararipe - PE/Brasil

(Fonte: Coletivo Acadêmico Popular do AVACLIM/Brasil).

Ao longo dos anos a organização dos grupos e sua expansão territorial foram sendo modificadas, pela própria dinâmica de consolidação da experiência, como mostra os mapas mentais (passado e presente) apresentados abaixo (Figura 2).

Atualmente a associação conta com 428 sócios/as ativos/as em 48 grupos de famílias agricultoras agroecológicas, organizados em 06 Núcleos por aproxima-

Figura 02 - Mapas mentais elaborados com associadas/os e parceiras/os da ECOARARIPE.

(Fonte: Pesquisa de campo - AVACLIM/Brasil, 2022).

ção geográfica, abrangendo todos os 10 municípios do território do Araripe (Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Moreilândia, Ouricuri, Santa Cruz, Santa Filomena e Trindade) e mais Parnamirim no Sertão Central, do mesmo estado.

Ao longo dos anos a organização dos grupos e sua expansão territorial foram sendo modificadas, pela própria dinâmica de consolidação da experiência, como mostra os mapas mentais (passado e presente) apresentados abaixo (Figura 2).

Como parte de suas atividades a Ecoararipe participa de 03 espaços de comercialização da produção

agroecológica (Empório Kaeteh em Ouricuri, Espaço de Comercialização Agroecológica-ECOA em Araripina e Espaço de Comercialização da Agricultura Familiar em Santa Cruz) e de 07 Feiras Agroecológicas no Território.

Enquanto organização da sociedade civil, a ECOARARIPE desenvolve seu trabalho e sua ação institucional integrando-se em redes e articulações locais e regionais. Mais diretamente, com a Rede Araripe (Rede de Agricultores/as Experimentadores do Araripe) e o Comitê Regional das OPACs (rede de 07 OPACs do semiárido brasileiro para resolver questões próprias e com empresas do comércio justo para comercialização da produção de algodão e outros produtos dos consórcios) e, ainda, de forma indireta, com a ASA – Articulação no Semiárido, a ANA – Articulação Nacional de Agroecologia e com a Rede ATER Nordeste de Agroecologia, através da articulação das ONGs CAATINGA e CHAPADA.

Tem apoio das ONGs CAATINGA e CHAPADA com assessoria técnica permanente; apoio financeiro da DIACONIA, através do Instituto C&A e da Laudes Foundation e Porticus Foundation e da Fundação Banco do Brasil FBB e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, por intermédio do CAATINGA e CHAPADA; do

COPAGRO na comercialização; da CRESOL com crédito e outros instrumentos financeiro; e do Fórum de Mulheres do Araripe com assessoria e capacitação em gênero e direito das mulheres. Tem, ainda, articulações, diálogos e incidência política em conjunto com CMDRSs – Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural Sustentável, STRs – Sindicatos de Trabalhadores/as Rurais, grupos de mulheres e de jovens e associações comunitárias locais de agricultores familiares e assentamentos da reforma agrária.

O Diagrama de Venn[10] utilizado como metodologia participativa de coleta de dados demonstra esse amplo campo de relações da experiência. A Figura 03, apresentada abaixo, expressa desde as relações mais locais/territoriais estabelecidas pela Ecoraripe, como aquelas internacionais, mas, que, de algum modo, exercem algum tipo de intervenção na experiência. Analisando o diagrama abaixo podemos localizar outras organizações da sociedade civil parceiras, financiadores e órgãos públicos/políticas públicas, por exemplo, que foram fundamentais para a consolidação da associação.

[10] A metodologia Diagrama de Venn possibilita avaliar o conjunto de organizações e instituições que são mais ou menos importantes para um determinado grupo, organização e/ou comunidade, bem como avaliar a dinâmica de atuação dessas instituições junto ao grupo foco da intervenção. Ao final dessa atividade, é possível identificar e compreender a dinâmica de articulação do grupo em questão com os parceiros mais atuantes, além de apontar para a necessidade de buscar aproximar organizações importantes que se encontram distantes na atuação junto ao grupo/comunidade em questão. (MARINHO; FREITAS, 2015).

Figura 03 - Diagrama de Venn elaborado com as/os associados/as e parceiras/os da ECOARARIPE.

(Fonte: Pesquisa de campo - AVACLIM/Brasil, 2022).

No âmbito da produção agroecológica, a ECOARARIPE tem como principal atividade produtiva a produção vegetal em consórcios agroecológicos (Figura 04), tendo a produção de alimentos saudáveis e dinamização da economia das famílias, onde o algodão orgânico figura como elemento de grande significado na geração de

renda. Todo processo produtivo tem base agroecológica, com práticas de conservação e manejo da fertilidade dos solos, manejo de pragas e doenças que permite, por exemplo, conviver com o bicudo (Anthonomus grandis), que é uma das pragas mais importantes para a cultura, entre outras ameaças sanitárias.

O consórcio agroecológico alia, perfeitamente, a produção de alimentos para as famílias, animais e mercados, seguindo uma estratégia importante das famílias na convivência com o semiárido, a inserção dos produtos dos consórcios em mercados justos e diferenciados. Este sistema possibilita melhor remuneração a partir da certificação orgânica, acesso e construção social de mercados (comércio justo e mercado orgânico), bem como fortalece a gestão social local sobre os processos de produção, certificação e comercialização da produção.

Tais consórcios agroecológicos potencializam a diversidade produtiva de alimentos pelas/os associadas/os da ECOARARIPE (Figura 05), numa experiência que merece destaque a participação das mulheres e jovens nos espaços de tomada de decisão nos níveis locais (Grupos de Agroecologia), municipais (Núcleos) e ter-

Figura 04 - Consórcios agroecológicos implantados pelos/as associados/as da ECOARARIPE.

(Fonte: Pesquisa de campo - AVACLIM/Brasil, 2022).

Figura 05 - Diversidade produtiva oriunda dos consórcios agroecológicos cultivados pelas/os associadas/os da ECOARARIPE.

(Fonte: Pesquisa de campo - AVACLIM/Brasil, 2022).

ritorial (Coordenação OPAC e Comitê), assim como têm presença efetiva nos processos de beneficiamento e comercialização. O que lhes confere mais participação nas decisões e melhoria na autonomia financeira.

No atual contexto político em que se encontrava o nosso país, até 2022, vários direitos estavam ameaçados, como, por exemplo, os acessos às políticas públicas de estruturação e construção de conhecimentos, pelos/as agricultores/as familiares do território que, viveram forte processo de estagnação e retrocesso, como consequência da mudança de rumo nas políticas públicas, enfraquecendo e destruindo espaços e instrumentos de participação das organizações e movimentos da sociedade civil nas discussões e construção de políticas. O que constituiu, no período de 2019-2022, uma séria ameaça à agroecologia e ao protagonismo e autonomia das famílias agricultoras e suas organizações.

Apesar desta situação, a ECOARARIPE se configura como uma experiência exitosa e com capacidade de resistência frente às adversidades impostas. A ação coletiva das famílias, a compreensão da importância do trabalho e da cooperação se reafirmam no cotidiano, como uma das formas de prosseguirem e ampliarem a

experiência. Além do acesso ao mercado, a ECOARARIPE é uma oportunidade para os seus cooperados, mas, sobretudo, para as mulheres que têm ocupado um lugar de protagonismo, tanto na sua gestão, como na participação como sócias e parte dos grupos locais, confirmando o caráter político e transformador que as experiências podem aportar.

ReCaatingamento

Organização de Assessoramento Técnico Agroecológico: Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada IRPAA - Bahia

As experiências de ReCaatingamento vêm sendo desenvolvidas, no Semiárido Baiano, desde o ano de 2009 a partir das ações do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada o IRPAA[11], com o objetivo de contribuir com os processos de recuperação de áreas degradadas e de conservação da Caatinga.

As experiências tiveram seu início nas iniciativas das comunidades do semiárido baiano de recuperação de áreas de caatinga em diferentes níveis de degradação. Essas experiências estão sendo ampliadas com recursos públicos, principalmente custeando os materiais necessários para o cercamento das áreas definidas pelas comunidades como prioritárias para a implantação do ReCaatingamento. Nos casos em que ainda não conseguiram apoio para a implantação das áreas de ReCaatingamento, as comunidades continuam com a sua tradição de uso da caatinga de modo a minimizar os processos de degradação da mesma.

[11] O Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) é uma Organização Não Governamental sediada em Juazeiro, na Bahia. A Convivência com o Semiárido é a sua maior e mais importante meta. Soluções eficazes, que respeitam as características do povo e das terras desta região, são as alternativas que o instituto oferece através de seus diversos projetos. Para o IRPAA, há quase 30 anos, viver no Semiárido é saber reconhecer o seu valor (IRPAA, 2022) - https://irpaa.org/modulo/portugues

Atualmente, estas experiências estão sendo desenvolvidas em parceria com 35 Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto e da Agricultura Familiar (Figura 06), de 14 municípios do estado da Bahia, no Brasil. A partir da década de 1980 essas comunidades começaram a se mobilizar para defender o território e conquistar o reconhecimento e titulação das terras das mesmas enquanto territórios tradicionais Fundo de Pasto.

Os principais atores sociais das experiências de ReCaatingamento são as Comunidades Tradicionais de Fundo de Pasto que vivem diretamente da Caatinga em pé e se caracterizam pelo uso coletivo da terra e do território para a criação de cabras e ovelhas em áreas de pasto comunitário e para o extrativismo não madeireiro de frutas e fibras do Bioma Caatinga. Assim, é possível afirmar que, a existência de tais comunidades depende da existência do Bioma Caatinga preservado e que tais comunidades promovem a conservação dos bens e recursos naturais através do seu modo de vida.

Figura 06 - Parte dos agricultores e agricultoras da Comunidade de Ouricuri com a equipe do projeto AVACLIM.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

Estas comunidades têm no parentesco e no compadrio as principais bases de suas relações sociais, econômicas e culturais. Ocupam terras devolutas remanescentes das sesmarias, tendo sua formação com o fim do ciclo do gado no sertão da Bahia. Algumas com 300 anos de existência.

As experiências de ReCaatingamento se dão no âmbito dos programas, políticas e tecnologias de Convivência com o Semiárido, realizados nos últimos 30 anos, a

princípio desenvolvido por Organizações Não Governamentais (ONGs), sobretudo aquelas que compõem a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)[12] e posteriormente assumidos, ainda que com algumas descontinuidades, como programa no âmbito das políticas públicas dos governos federal e estadual.

Os programas governamentais de combate à desertificação e sequestro de carbono se somam às tecnologias de Convivência com o Semiárido, possibilitando a busca de recursos públicos para implantação da experiência. Uma ameaça é a política de grandes projetos de mineração e geração de energia eólica que ameaçam a posse da terra dessas comunidades e consequentemente o desinteresse dos mais jovens em continuar na comunidade.

As comunidades rurais participam ativamente no ReCaatingamento, escolhem a área a ser recuperada e decidem fazer o plano de manejo da área de extrativismo. Executam todas as atividades que compreendem a implantação da experiência com destaque para o cerca-

[12] A ASA é uma rede que defende, propaga e põe em prática, inclusive através de políticas públicas, o projeto político da Convivência com o Semiárido. É uma rede porque é formada por mais de três mil organizações da sociedade civil de distintas naturezas – sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONG s, Oscip, etc. Para saber mais sobre a ASA: www.asabrasil.org.br.

mento das áreas, plantio de espécies nativas e adaptadas, além da implantação e manutenção de tecnologias sociais e práticas que contribuam com a restauração florestal da caatinga e da biodiversidade associada (Figura 07).

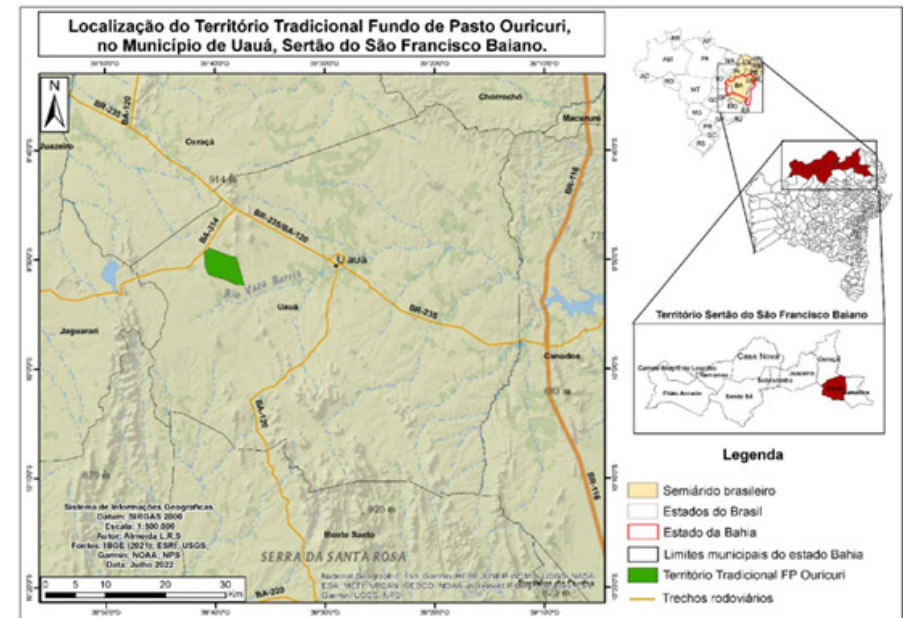
Figura 07 - Comunidade realizando manutenção em área de ReCaatingamento.

(Fonte: @irpaasemiarido, 2022).

É a partir do reconhecimento e da importância das inovações nas experiências de ReCaatingamento que, no âmbito do projeto AVACLIM, uma das iniciativas estudadas envolveu uma comunidade que participa desta iniciativa. Neste sentido, dado o conjunto de práticas e

os processos a comunidade de Ouricuri (Figura 06) foi uma das escolhidas pelo Consórcio Científico e Popular do AVACLIM Brasil, por evidenciar o sucesso na experiência do ReCaatingamento enquanto práticas de recuperação, conservação e uso sustentável da caatinga no Semiárido brasileiro.

A Comunidade de Fundo de Pasto de Ouricuri é constituída por 55 famílias e está localizada na zona rural do município de Uauá (BA) (Figura 08).

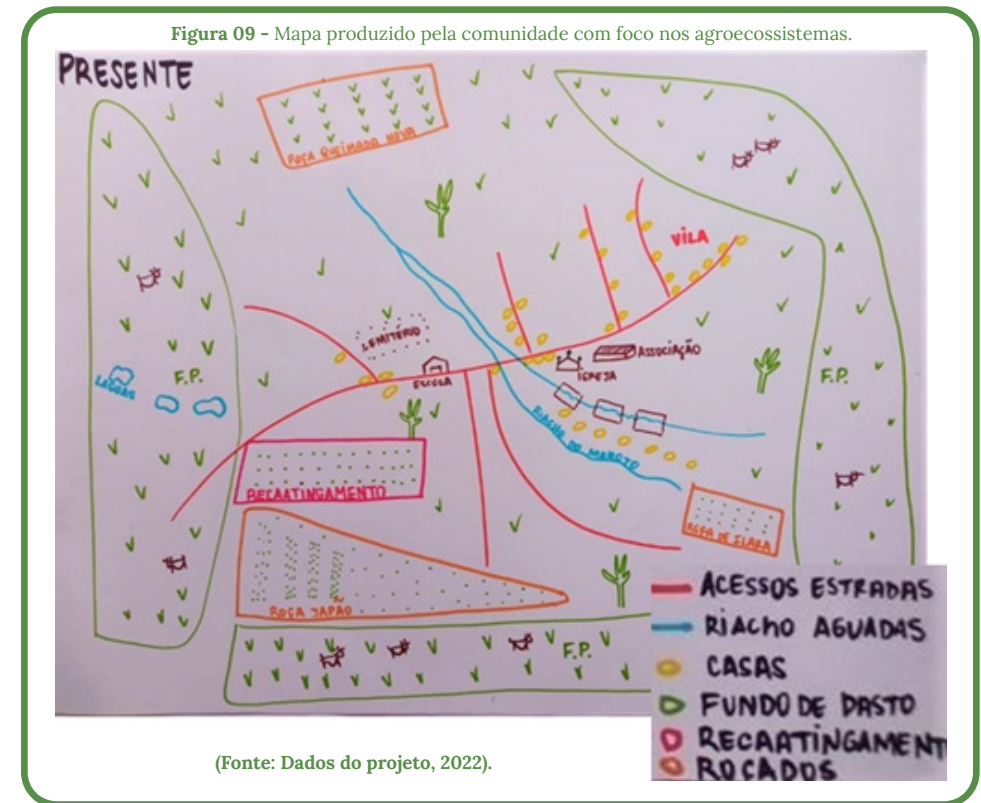
Figura 08 - Mapa de localização do território da Comunidade Fundo de Pasto Ouricuri.

(Fonte: Almeida, 2022).

Em 2009 tiveram início as primeiras ações do ReCaatingamento em comunidades tradicionais do Território Sertão do São Francisco. Assim, algumas pessoas de Ouricuri passaram a conhecer esta prática e divulgar a ideia na comunidade. Estas ideias foram amadurecendo até o ano de 2016 com a implantação da experiência na comunidade de Ouricuri. Este tempo foi necessário para que a comunidade se apropriar das principais práticas adotadas no ReCaatingamento, dos interessados em participar diretamente da iniciativa e delimitação da área da comunidade que seria cercada, bem como a busca de recursos e demais apoio para implantação da iniciativa.

Atualmente, os agroecossistemas da comunidade de Ouricuri são distribuídos em quatro grandes categorias a partir da representação feita por integrantes da própria comunidade (Figura 09).

- **Fundo de Pasto** - parcela do território de uso coletivo, manejada através da gestão comunitária dos recursos naturais com destaque para as atividades extrativistas de umbu e criação extensiva de caprinos e ovinos. Nestas áreas, as famílias mantêm a Caatinga de forma contínua, sem cercas, onde circulam livremente a fauna

Figura 09 - Mapa produzido pela comunidade com foco nos agroecossistemas.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

silvestre e os rebanhos de posse familiar pertencentes à comunidade ou vizinhos;

- **Áreas Familiares** (identificada como casas na Figura 09) - constituídas pelos quintais e instalações/cercados próximos às casas para abrigar e manejar os animais;

- **Roçados** - correspondem às pequenas parcelas de terra que apresentam solos com melhores condições para o cultivo (especialmente a fertilidade e estrutura). Estas áreas são desmatadas e utilizadas para o cultivo de lavouras temporárias e perenes para alimentação da família e das criações e;
- **ReCaatingamento** - compreende uma área de aproximadamente 52,0 hectares manejadas com práticas que possibilitam a regeneração da vegetação e em médio e longo prazos de modo a potencializar o agroextrativismo sustentável (ALMEIDA, 2022).

Do total de aproximadamente 130 pessoas que integram a comunidade Fundo de Pasto de Ouricuri, verificou-se que o trabalho na área de Recaatingamento da comunidade tem uma natureza coletiva. Entretanto, esta iniciativa envolve um conjunto de 25 pessoas da comunidade, constituído por 15 homens e 10 mulheres, de modo que 6 são jovens. Este coletivo envolvido no ReCaatingamento promove ações coletivas ligadas ao manejo e conservação da biodiversidade local, meliponicultura e agroextrativismo de espécies da caatinga com destaque para o umbu, maracujá-do-mato e mandacaru no referido agroecossistema.

Com toda esta trajetória rica de ensinamentos, desafios e potencialidades, a experiência do ReCaatingamento na comunidade Fundo de Pasto de Ouricuri tem muito a nos inspirar no que tange aos processos de transição agroecológica em suas múltiplas dimensões e escalas. Nesta iniciativa, que se apresenta em todo território semiárido baiano, há elementos muito importantes para o debate da promoção da Agroecologia em terras secas do mundo que, particularmente, no Brasil perpassam pela perspectiva da Convivência com o Semiárido. Dentre eles cabe destacar:

- O caráter comunitário da experiência do ReCaatingamento no que tange às práticas de planejamento e manejo do agroecossistema e de suas trocas com os demais agroecossistemas do Fundo de Pasto;
- A convivência e proposição de estratégias e agroecossistemas sustentáveis frente aos desafios das mudanças climáticas;
- Promoção da segurança alimentar em bases locais e territoriais no Semiárido brasileiro;
- Construção de estratégias locais e comunitárias para promoção e manejo sustentável da agrobiodiversidade local;

- Intercâmbio de saberes entre as comunidades Fundo de Pasto envolvidas nas iniciativas de ReCaatingamento de modo a promover as melhores práticas para o desenvolvimento das iniciativas;
- Divulgação entre organizações e outras comunidades do Semiárido brasileiro interessadas nesta estratégia de manejo agroextrativista e conservação da caatinga a partir da experiência do Fundo de Pasto enquanto um agroecossistema tradicional.

Agricultora Agroecológica Multiplicadora – Dona Fafá.

Organização de Assessoramento Técnico Agroecológico - Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (CETRA) - Ceará

Maria de Fátima dos Santos, Dona Fafá, vive na Comunidade Jenipapo, localizada no município de Itapipoca, que faz parte do território do Curu e Aracatiaçu no estado do Ceará. A história da Dona Fafá no seu agroecossistema é iniciada em 1996, a partir da ruptura de um relacionamento abusivo e violento que a força a sair de casa e retornar com seus quatro filhos à terra dos pais, onde ganha, como herança, uma área de 2ha para que pudesse morar, plantar e criar seus animais. Nesse período ela já participava de coletivos como a Associação da antiga comunidade e do Movimento Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR).

Pode-se afirmar que, um marco na trajetória de Dona

Fafá, se deu a partir do ano de 2003, com a chegada do projeto de agroecologia "Caminhos da Sustentabilidade" através da ONG CETRA[13] para implementação de uma unidade produtiva para autoconsumo e com propósito futuro de acesso às feiras (Figura 11). Neste mesmo ano dá-se o início de seu acesso ao Programa Bolsa Família[14], seguido de uma grande conquista que foi a construção da casa de farinha, que ficaria instalada na sua propriedade. Animada com o projeto, ela inicia um processo de transformação da área de 1,2ha, aumentando a diversidade de plantas, visando a possibilidade de acesso à Feira de Itapipoca e a venda na porta de casa.

Tendo uma maior participação social através do sindicato e de sua associação ao CETRA, ela passa a ser atendida pela assessoria técnica do estado. Em 2007 lidera o processo de constituição da Associação Comunitária dos Agricultores em Transição Agroecológica, da qual se torna presidenta. Inicia uma longa trajetória de participação nos encontros territoriais de agroecologia, acessando tecnologias sociais que permitiram aumen-

[13] Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador – CETRA, é uma organização da sociedade civil com mais de 40 anos de história de atuação no campo da Agroecologia e Convivência com o Semiárido, Ações Socioambientais, Socioeconomia Solidária, Fortalecimento das Organizações Sociais e Redes, Juventude Rural, Mulheres e Comunicação.
[14] O Bolsa Família é um programa federal de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza.

Figura 11 - Dona Fafá ao lado da placa do projeto "Caminhos da Sustentabilidade" que mantém na entrada da sua área produtiva.

(Fonte: Pesquisa de campo - AVACLIM/Brasil, 2022).

tar a capacidade de armazenamento de água para produção agrícola (cisterna enxurrada) e de tratamento de efluentes (bioágua), ampliando o sistema agroflorestal e sua capacidade de comercialização e renda através da Rede de Feiras. Em 2018 acessa ao benefício da aposentadoria, aumentando ainda mais sua renda, potencializando, assim, seus processos produtivos.

Dona Fafá se destaca como uma mulher feminista, feirante e multiplicadora agroecológica. É coordenado-

ra da Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias do Ceará, integrante da Rede de Agricultores Agroecológicos e Solidários do Território do Vale do Curu e Aracatiaçu e coordenadora do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR/NE). Dona Fafá também participa do Fórum Estadual pela Vida no Semiárido, coordena a casa de sementes da comunidade, desenvolve trabalhos educativos com jovens dentro da igreja, atua no movimento de mulheres na comunidade e preside a Associação Comunitária do Jenipapo, mantendo um grande papel de organização e articulação local. Além do mais, ela desenvolve um trabalho na comunidade com ervas medicinais, chás, garrafadas e lambedores.

Sua trajetória na agroecologia começou com o curso de multiplicadoras/es agroecológicas/os pelo Projeto Caminhos da Sustentabilidade, promovido pelo CETRA-CE e participando do Projeto FlorestAção. Dona Fafá relata-nos que era agricultora agroecológica antes mesmo de iniciar o curso, apenas não sabia. Dos projetos descritos, recebeu bom suporte com materiais (canos para água, caixa d'água, arames) e acessou diversas políticas públicas para fomentar sua infraestrutura produtiva. Recebeu, ademais, algumas tecnologias so-

ciais de armazenamento (cisternas de placas de 16 e 52 mil litros) e de reuso de água (bioágua), possibilitando maior potencial hídrico, assim como a continuidade do seu trabalho.

No decorrer de sua trajetória, Dona Fafá fundou a feira agroecológica e solidária do Vale do Curu e Aracatiaçu. Como fruto dessa experiência surgiram outras feiras, a exemplo da feira de Fortaleza-CE (capital do Estado), que ocorre semanalmente, e uma feira realizada de forma contínua na sede da prefeitura de Itapipoca-CE (Figura 12). Em meio a crise sanitária pandêmica, causada pelo vírus da COVID-19, se desafiou e inovou em sua forma de comercialização, utilizando da internet.

Figura 12 - Dona Fafá na feira agroecológica em Fortaleza, CE.

(Fonte: CETRA).

Atualmente, Dona Fafá conduz sozinha seu agroecossistema em uma área total de 2,5 hectares com grande diversidade de subsistemas, como: quintal agroecológico, hortas, sistema agroflorestal, roçado, criações de animais (galinhas, ovelhas, porcos), casa de farinha, entre outros (Figura 13a).

Nessa região a água é um recurso escasso, mas D. Fafá dispõe de uma fonte natural de água (olho d'água) que possibilita a irrigação do pomar e das hortas (Figura 13b). Essa área é muito estratégica para ela, pois foi a partir do seu trabalho de revitalização e conservação do entorno que a água se mantém disponível e limpa para uso. Outros recursos hídricos disponíveis são as cisternas de captação e armazenamento de água da chuva (primeira e segunda água, 16 e 52 mil litros respectivamente) e uma cacimba que são utilizados para a produção e consumo doméstico.

Nesta área, ela mobiliza muitos insumos: sementes, mudas de plantas, esterco, adubos, forragem, fitoterápicos (para controle de vermes nos animais), caldas naturais (para fertilização e controle de doenças nas plantas) e adubação foliares (biofertilizantes), gerando uma diversidade de alimentos in natura (hortaliças, fru-

tas, feijões, favas, milho, batata doce, jerimum, pimentas, pimentão, medicinais, ovos), assim como alimentos beneficiados ou semi-processados (massa de cuscuz, farinha, xerém, fubá de milho, bolos, biscoitos, canjicas, doces, geleias, cocadas, polpas de frutas, lambedores, carne de galinha, carnes de ovinos e de outras aves, principalmente galinha de capoeira).

Evidenciou-se ainda, na experiência de Dona Fafá, uma grande mobilização de capital. Grande parte do que é produzido e comercializado, juntamente com recursos acessados via crédito e aposentadoria, retorna para dentro do sistema em forma de investimento, possibilitando uma maior dinamização dos processos de inovação técnica. Esta dinamização dos processos ocorre através da aquisição de equipamentos e materiais para melhoria das estruturas produtivas (Figura 13), assim como o acesso à internet, permitindo sua conexão com as redes, potencializando suas vendas e também seu lazer.

Uma grande rede de atrizes/atores, que atuam em distintas escalas e efetividade, vem interagindo com Dona Fafá ao longo de sua trajetória. Organizações e instituições internacionais (Manos Unidas) e nacionais

Figura 13 - Agroecossistema da Dona Fafá: a) Mapa atual; b) Fonte natural de água (Olho d'água); c) Sistema Agroflorestal; d) Galinheiro de galinhas nativas.

(Fonte: Pesquisa de campo - AVACLIM/Brasil, 2022).

(Banco do Nordeste, Ecofort/Fundação Banco do Brasil, Petrobrás, Governo Federal e alguns ministérios-MDA/MDS), que fomentaram processos a partir de financiamentos. Uma rica e diversa rede de atuação regional de instituições federais de pesquisa (Embrapa), de ensino (Universidades e Institutos Federais), órgãos governamentais (Governo estadual, Ematerce, prefeituras), outros coletivos (Articulação Semiárido-ASA, Sindicatos, Redes, Feiras) e, principalmente, as ONG's Cáritas, CAATINGA e CETRA, as quais mantiveram uma imbricada relação com a experiência de Dona Fafá, potencializando diversos processos socioprodutivos.

Para além dessas organizações e instituições, ela mantém relações importantes no contexto local com coletivos e com pessoas que permitem a produção e reprodução da vida nesse agroecossistema.

Alguns desafios se colocam para ela. Por ser sozinha, há uma concentração de muitas atividades de dentro do agroecossistema e de fora, nos espaços que ocupa e atua, restringindo sua capacidade de ampliação. Outro fator importante nesse quesito diz respeito à continuidade dos trabalhos, pois observa-se pouca ou nenhuma possibilidade de sucessão por parte dos filhos ou netos. Entretanto, essa grande participação social observada tem sido uma alavanca, tanto pessoal quanto para o agroecossistema, possibilitando a produção de uma grande diversidade de produtos e da elevada qualidade para alimentação da família, além de mantê-la ativa e saudável.

Aqui cabe destacar e reconhecer que todo esse processo, experimentado pela Dona Fafá, foi possibilitado por uma "rede agroecológica" de organizações que atuam no campo da agroecologia, desde longa data, e que implementam, acompanham e potencializam esses pro-

cessos coletivos e individuais nos territórios cearenses. Especificamente com a Dona Fafá, o CETRA teve e tem um papel fundamental, pois foi quem desencadeou todo o processo e ainda mantém relações muito estreitas que fomentam a produção e reprodução da experiência.

Adaptação ao Método: O que o Uso das Metodologias Participativas nos Revela?

A proposta do Projeto AVACLIM nos permitiu adaptar à realidade brasileira o método, ao buscarmos responder questões fundantes para nós: como este projeto pode fortalecer os processos de transição agroecológica em curso no país? Em que medida o processo proposto pelo AVACLIM nos permite visibilizar as experiências, de forma a aprendermos com elas e replicá-las?

Assim, a metodologia foi desenvolvida de modo participativo, construída através das trocas entre todos/as os/as sujeitos/as envolvidos/as no processo de pesquisa de campo, buscando reconhecer e valorizar os diferentes saberes, percepções e narrativas, como registra a Figura 14, abaixo. Desta forma, a análise surge funda-

mentada na realidade trazida por cada sujeito/a, família e experiência coletiva, sendo essencial para uma leitura crítica da realidade, permitindo uma análise quantitativa e qualitativa dos dados.

Figura 14 - Construção participativa de Mapas Mentais, Linha do Tempo e Diagrama de Venn com a ECOARARIPE.

(Fonte: Pesquisa de campo - AVACLIM/Brasil, 2022).

Buscamos compreender a percepção dos sujeitos/as envolvidos/as nos processos (equipes técnicas, famílias, grupos, parceiros/as e atores/atrizes locais, gestores/as) a partir do trabalho de escuta cuidadosa e reflexão conjunta, nos permitindo perceber possíveis mudanças institucionais, pensar sobre as trajetórias de cada experiência, avanços e limites. Destaca-se, nesse processo, a escolha da metodologia participativa, que nos possibilitou aproximar a proposta metodológica das realidades sistematizadas e fazê-la ser compreendida por todes.

Essas experiências, assim como suas histórias/trajetórias, representaram para nós um campo fértil para o uso de metodologias participativas que potencializem a construção coletiva do conhecimento, de forma horizontal e criativa.

Diante de um amplo leque de possibilidades, no âmbito desta publicação, optamos por descrever e analisar os usos do Mapa Mental, da Linha do Tempo, do Rio da Vida e do Diagrama de Venn.

Mapa Mental - Passado e Presente:

Como um desenho representativo do espaço ou território que está sendo objeto de reflexão, o mapa mental torna-se uma ferramenta que permite discutir diversos aspectos da realidade, de forma ampliada e crítica. Ele possibilita o registro e a visualização, de forma esquemática, das diferentes partes da comunidade/território, bem como, da infraestrutura social e dos serviços existentes e sua distribuição nas diversas áreas identificadas, de acordo com a visão e a participação dos/as próprios/as participantes e de sua construção.

A utilização da metodologia do mapeamento nas ati-

vidades realizadas junto à experiência do ReCaatingamento na Comunidade de Ouricuri, por exemplo, teve como eixo orientador a necessidade de refletir coletivamente, partindo de representações da própria comunidade, o Passado e o Presente de questões envolvendo: a ocupação do espaço, a estrutura agrária e suas práticas e a caracterização estrutural – organização socioespacial da comunidade.

O uso da metodologia Mapa Mental foi importante para compreender os recursos e o funcionamento dos diferentes agroecossistemas manejados na comunidade, dentre os quais o próprio ReCaatingamento. A partir disso, foi possível coletar dados sobre o processo de implantação da iniciativa, recursos mobilizados, ações coletivas, infraestrutura, etc.

Para a realização dos mapas na comunidade de Ouricuri os/as sujeitos/as da comunidade foram distribuídos em dois diferentes grupos, a fim de possibilitar uma melhor utilização dos recursos e materiais (de desenho), permitir o aprofundamento das discussões no interior dos grupos, motivando a partilha das reflexões no grande grupo, composto por todos/as os/as participantes.

As Figuras 15 e 16 ilustram o momento de elaboração

dos mapas, respectivamente, na Comunidade Ouricuri (Fundo de Pasto-Uauá/BA) e com o coletivo de associados da ECOARARIPE.

Figura 15 - Construção de Mapas do Passado e Presente pela Comunidade Ouricuri/Fundo de Pasto -Uauá/BA.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

Figura 16 - Construção de Mapas do Passado e Presente pelo coletivo de associadas/os e parceiras/os da ECOARARIPE.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

Nesses dois casos, como resultado do trabalho colaborativo, foram produzidos dois mapas, para os quais a equipe do projeto fez uma síntese das representações coletivas e complementares socializadas durante a apresentação dos mapas do Passado e do Presente, conforme olhares das famílias agricultoras que integravam os grupos (Figuras 17, 18, 19 e 20).

A estratégia do Mapa Mental permitiu, ainda, criar um espaço de discussão e reflexão sobre os mapas produzidos pelos agricultores e agricultoras participantes da atividade.

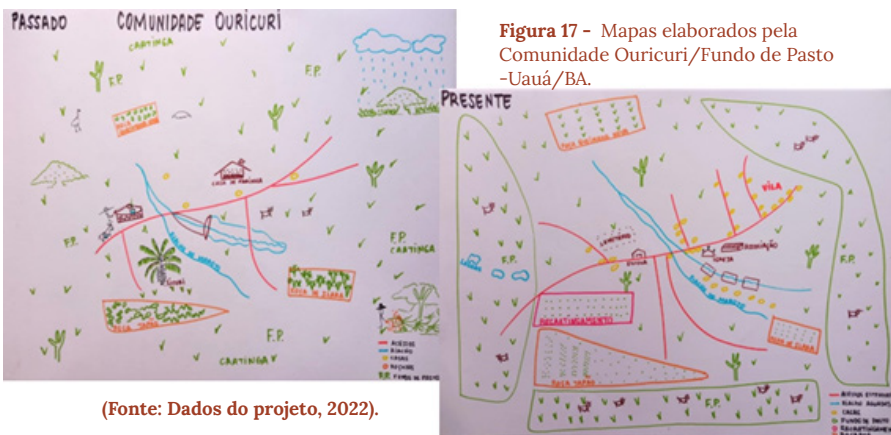



Figura 17 - Mapas elaborados pela Comunidade Ouricuri/Fundo de Pasto -Uauá/BA.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

Figura 18 - Mapas elaborados pelo coletivo de associadas/os e parceiras/os da ECOARIPE.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

Figura 19 - Apresentação e discussão dos mapas produzidos pela Comunidade.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

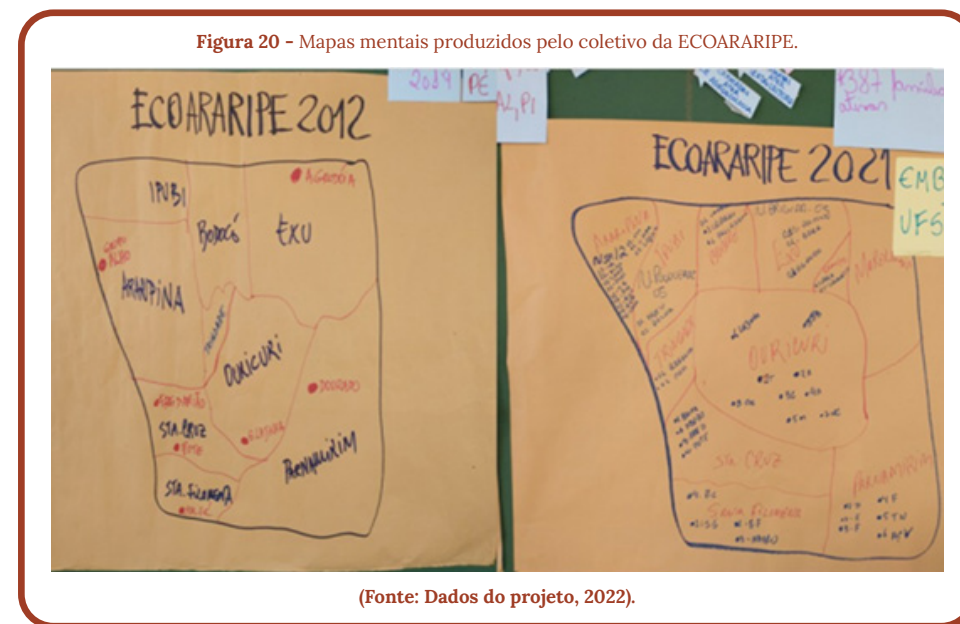
Neste momento, elas/eles foram convidadas/os a apresentar suas produções, fomentando o protagonismo, o autoconhecimento e o debate, bem como permitindo a todos e todas ler e/ou reler de forma crítica a trajetória de permanências, mudanças e transformações no espaço, na estrutura agrária e na organização socioespacial da comunidade. Neste sentido, na comunidade de Ouricuri, foi possível destacar a percepção dos participantes quanto às mudanças no uso da terra e a adoção de práticas agroecológicas que potencializam:

- A conservação ambiental e o agroextrativismo da caatinga nos agroecossistemas Fundo de Pasto e ReCaatingamento;
- O acesso aos recursos hídricos, especialmente através da captação, armazenamento e uso eficiente da água de chuva nos diferentes agroecossistemas da comunidade;
- A necessidade de se demarcar os limites dos territórios da comunidade tradicional de Fundo de Pasto Ouricuri, com respectivo reconhecimento e titularização por parte do Estado;

Os mapas mentais elaborados para refletir sobre a experiência da ECOARARIPE (Figura 20) foram fundamentais para demonstrar as estratégias organizacionais

e a própria expansão da experiência, constituindo outros núcleos e chegando a outros municípios da região.

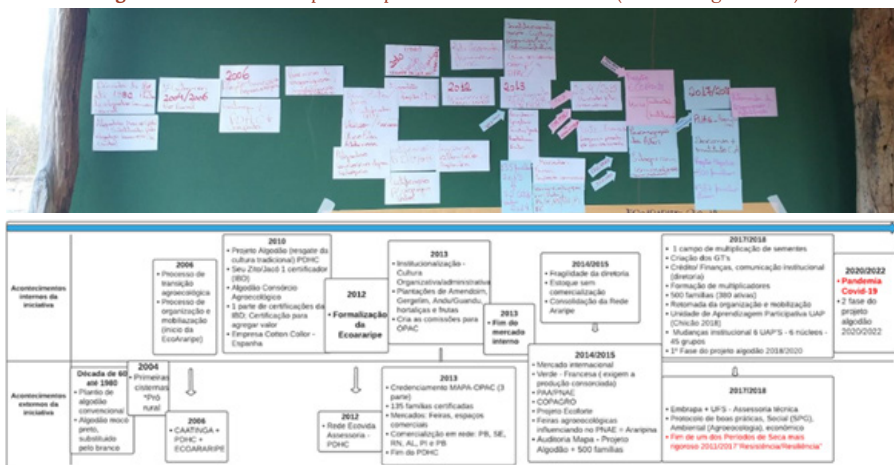
Figura 20 - Mapas mentais produzidos pelo coletivo da ECOARARIPE.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

Metodologia Linha do Tempo e Rio da Vida

A Linha do Tempo estuda a ordem cronológica e tem preponderância na discussão temporal das experiências que se propõem a analisar, a principal pergunta norteadora é: quais são os fatos marcantes desta realidade. Conforme são lembrando, os fatos são apresentados e localizados em uma reta traçada no sentido horizontal, de acordo com o ano proposto. Trata-se, então, de caracterizar cada evento, construindo assim uma visuali-

zação da história daquela determinada sociedade, instituição, projeto e etc.

Na experiência da ECOARARIPE optou-se pela utilização da Linha do Tempo como instrumento de levantamento da trajetória da iniciativa (Figura 21).

Figura 21 - Linha do tempo da experiência da ECOARARIPE (criada e digitalizada).

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

A metodologia denominada Rio da Vida constituiu uma adaptação por contextualização da Linha do Tempo.

A construção do 'Rio da vida do ReCaatingamento' buscou sistematizar uma representação temporal da iniciativa, ilustrando sua trajetória de mudança desde a sua 'Nascente' que abrangeu os acontecimentos, os sujeitos, organizações e os processos relacionados à origem daquela experiência e aos seus 'cursos d'águas', ou seja, seu 'Leito'. Neste, podem ser identificados e compreendidos os caminhos que o 'Rio da Vida do ReCaatingamento' percorreu e ainda percorre, sendo possível também apontar o que está em seu interior ou às suas 'Margens', bem como seus 'afluentes', ou seja, aquilo que alimenta a experiência e o local onde aquele rio deságua.

A Figura 22 ilustra o 'Rio da Vida do ReCaatingamento', produzido coletiva e colaborativamente pela própria comunidade de Ouricuri, a partir da mediação da equipe do Consórcio Científico e Popular do Brasil.

Figura 22 - Rio da Vida do ReCaatingamento construído com a Comunidade de Ouricuri.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

Assim, tanto como na Linha do Tempo, no Rio da Vida, associadas a outras estratégias como o Mapa Mental e a Caminhada Transversal, foi possível não somente compreender a trajetória socio histór-

ca da experiência do ReCaatingamento, como também: identificar marcos de mudanças expressos em acontecimentos, intervenções internas e externas de pessoas e/ou organizações, a ausência e/ou presença do Estado e suas políticas, ligações e tensionamentos ao longo dos processos de mudanças na comunidade e seu território.

Em termos práticos, como nas demais metodologias, o Rio da Vida partiu de um planejamento prévio e sistemático da equipe de mediação, elaborando um roteiro de problematização que partiu de quatro eixos geradores: 1) Origens da iniciativa e motivações; 2) Identificação de marcos (períodos e mudanças importantes); 3) Aprofundamento e reflexões de tais marcos e 4) Identificação e avaliação dos custos e de vantagens ao longo de toda a trajetória.

Como processo participativo e dialógico, a construção do 'Rio da Vida do ReCaatingamento' envolveu todas as pessoas presentes em uma grande roda, na qual foi possível acessar memórias coletivas perpassadas de subjetividades e compreensões singulares que, refletidas naquele espaço, nos permitiu 'navegar' na história daquela experiência.

Como principais contribuições desta metodologia e

suas adaptações para o debate da transição agroecológica, a partir da trajetória da experiência do ReCaatingamento na comunidade Ouricuri, destacam-se o resgate coletivo da trajetória da iniciativa em seus eventos iniciais e ao longo desta, os desafios superados e atuais, bem como, os principais parceiros e ações empreendidas pela comunidade e suas articulações. A síntese histórica do ReCaatingamento produzida pela equipe técnica do AVALCIM nesta discussão também foi objeto de discussão em momentos posteriores com a comunidade, de modo a socializar o histórico da experiência com outros membros da comunidade e parceiros (Figura 23).

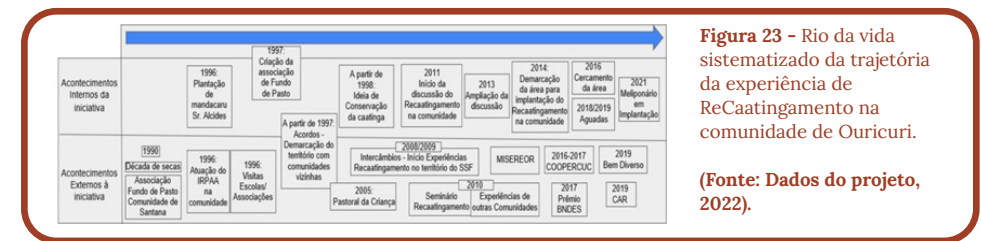



Figura 23 - Rio da vida sistematizado da trajetória da experiência de ReCaatingamento na comunidade de Ouricuri.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

Cabe destacar, nesta representação (Figura 24), o papel mobilizador de lideranças internas da comunidade e suas articulações externas, de modo a potencializar os processos de formação, discussão e mobilização de recursos internos e externos ao longo da trajetória da iniciativa. Tais ações se deram com importante atuação

Figura 24 - Diagrama de Venn elaborado com a ECOARARIPE.

(Fonte: Dados do projeto, 2022).

de organizações das comunidades de Fundo de Pasto e do IRPAA enquanto agentes de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), que articulou ações de intercâmbios, formações, mobilização de novos parceiros e captação de recursos, viabilizando o desenvolvimento do ReCaatingamento junto à comunidade e outras 34 experiências no semiárido baiano.

Metodologia Diagrama de Venn

Trata-se de um diagrama que faz uso de tarjetas, confeccionadas com papéis, em formato de círculos, de diferentes tamanhos, dispostos de forma a representar as relações existentes entre eles (Figura 24).

Esta é uma ferramenta originária da matemática de conjuntos, adaptada para representar as relações entre os diferentes grupos de uma sociedade. Cada círculo irá representar, com palavras e/ou desenhos, um grupo (formal ou informal) da sociedade em questão (a exemplo de um município, um bairro, uma região, uma universidade, um país, uma instituição da sociedade civil).

O tamanho do círculo representa o poder do referido grupo, ou seja, sua capacidade efetiva de atingir seus objetivos. Quanto maior o poder, maior o tamanho do círculo. A distância entre os círculos representa a relação entre os referidos grupos. Se estes são parceiros e/ou colaboradores, estarão próximos, podendo até se sobrepor um ao outro, parcial ou integralmente. Se os grupos possuem objetivos, concepções e/ou práticas diferentes, contrastantes ou antagônicas, isso estará representado pela menor ou maior distância entre eles.

Os círculos são dispostos na parede, chão/piso ou qualquer outra base de apoio, onde tiras de papel podem ser utilizadas para facilitar a visualização das inter-relações, quando o desenho começa a se complexificar.

Como essas metodologias foram utilizadas em cada uma das experiências e o que nos revelaram?

Os Mapas Mentais trouxeram a leitura dos territórios nos quais as três experiências estão inseridas. São eles que nos deram a dimensão do desenho de cada agroecossistema e a relação entre os subsistemas (criação, plantação, abastecimento d'água, etc).

Tal ferramenta permitiu-nos ainda compreender as relações que, tanto a ECOARARIPE, representada pelos/as seus/suas associados/as, quanto a Comunidade Ouricuri, Fundo de Pasto e Dona Fafá, estabelecem com os seus entornos, sejam eles grupos de outras famílias, que se localizam na vizinhança, ou um conjunto de fluxos, que organizam a dinâmica de funcionamento da experiência.

Os Mapas Mentais tornaram-se também, nessa experiência, ricos momentos para reflexão sobre a trajetória evolutiva de cada experiência, no momento em que propiciam pensar sobre o passado e futuro, não meramente

numa perspectiva comparativa, mas para compreender cada momento/passo da experiência e projetar ações/construções futuras.

A Linha do Tempo e o Rio da Vida constituíram as principais ferramentas na reconstrução histórica de cada experiência. A partir dessa reconstrução histórica, foi possível levantar os diferentes momentos experienciados, destacando obstáculos e avanços vivenciados nas experiências. Estes, por sua vez, sinalizam os limites e potencialidades, que delimitam as características de continuidade e fortalecimento de cada uma delas, ou (infelizmente) os momentos de crises/dificuldades enfrentados. A Linha do Tempo e Rio da Vida permitiram um rememorar de cada uma das experiências, permitindo-nos a escuta atenta, mas também o diálogo entre as diferentes narrativas dos atores/atrizes que constroem as experiências, como as/os próprias/os agricultoras/es, assessorias técnicas (ONGs) e nós, equipe AVACLIM, naquele momento como facilitadoras/es/mediadoras de processos de construção coletiva do conhecimento agroecológico no semiárido.

Os diagramas de Venn revelaram os agentes que intervinham nas experiências. Tal ferramenta demonstra

que as experiências têm um alto grau de relações, sejam com instituições/organizações locais, municipais, regionais e até internacionais. Além de permitirem o levantamento dessas presenças/ausências de instituições/organizações, foram os diagramas de Venn que nos possibilitou analisar a influência positiva ou negativa sobre as experiências. Tal reflexão é central para que as experiências re/construam seu olhar sobre as correlações de forças políticas/econômicas e sociais, que demarcam o campo de sua ação.

Principais aprendizados

A nossa experiência de participação no Projeto **AVA-CLIM - Agroecologia, Garantindo Segurança Alimentar e Meios de Vida Sustentável, Mitigando Mudanças Climáticas e Restaurando Terras em Regiões Secas** nos possibilitou um retorno às atividades de campo diante a pandemia por COVID-19, assim como um consequente repensar sobre os processos de transição agroecológicas vivenciados e implementados no Semiárido brasileiro.

Longe de tentarmos padronizar o semiárido, buscamos evidenciar sua diversidade e complexidade a partir das escolhas das experiências sistematizadas, compreendendo quais as questões comuns (ambientais, sociais, políticas, econômicas, culturais), mas também quais as particularidades de cada território que compõem essa importante região.

A delimitação espacial do Semiárido brasileiro vem passando por constantes modificações, de acordo com

distintos interesses políticos e econômicos, mas também reflete a capacidade dos/as distintos/as atores/atrizes em disputar e construir narrativas sobre o que é, como se delimita (quais características) e, sobretudo, quem são os/as sujeitos/as que vivem e se reproduzem nesta região.

Desta forma, o AVACLIM chegou como uma importante oportunidade de fortalecer os processos vivenciados pelos atores/atrizes locais e nos possibilitou aproximar distintos sujeitos/as para pensarmos juntos/as sobre as experiências e aprender com elas sobre a convivência com o semiárido. Além de possibilitar o pensamento coletivo de como superar os problemas históricos que nos acompanham.

Quais são as chaves de leituras possíveis para compreendermos estas experiências e nos aproximar o máximo possível da realidade? Acreditamos que o Método AVACLIM aportou algumas possibilidades para isso, tanto no que se refere a análises teóricas e técnicas, quanto sobre a possibilidade de construir novos indicadores de eficiência/eficácia e sustentabilidade das experiências agroecológicas no SAB e os processos de transição agroecológica.

A ida a campo[15] constituiu-se um desafio porque, entre outras questões, foi realizada durante a pandemia da COVID-19. Essa etapa foi fundamental para dinamizar os processos locais e fortalecer o Consórcio Científico e Popular do Brasil. Nessa ida, percebemos o quanto as pessoas estavam sentindo falta de um contato social, de estarem juntas e de poderem refletir coletivamente sobre suas experiências.

Percebemos as vivências de diferentes contextos e territórios em um rico exercício de escuta cuidadosa, respeitosa e aprendizagens coletivas, mostrando a força da agroecologia na consolidação de uma comunidade de práticas a partir das experiências agroecológicas do semiárido brasileiro e na potencialização dos temas e dos/as sujeitos/as emergentes historicamente invisibilizados/as que a constroem.

A Convivência com o Semiárido e o fazer agroecológico neste território são ideias chaves na mobilização política e social, sobretudo no que diz respeito a ressignificação das práticas sociais, dando novos sentidos e significados a esse saber/fazer das comunidades e

[15] Para realização desta atividade respeitamos todos os protocolos de segurança propostos pela OMS e a FIOCRUZ do Brasil (https://portal.fiocruz.br/coronavirus/material-para-download).

pessoas. Estes processos, perpassam a necessidade de reconstruir uma relação com a natureza que seja pautada na harmonia e na integralidade, o respeito aos/as diferentes sujeitos/as que compõem as famílias, nos diferentes arranjos familiares e nos distintos e diversos territórios.

Reconhecer as práticas de agricultura, de relação com os territórios e os biomas, bem como os/as distintos/as sujeitos/as, seus saberes e conhecimentos, é parte fundamental do processo de fortalecimento da Agroecologia e da Convivência com o Semiárido. É olhar para o passado, apontando para o futuro.

Assim, as experiências aqui relatadas, demonstram como os/as agricultores e agricultoras se relacionam com o meio ambiente, seja em seus quintais produtivos e outros agroecossistemas, sejam nas práticas de extrativismo e nos processos sociais e coletivos, como vimos na experiência de ReCaatingamento ou na ECOARARIPE.

Podemos ver, ainda, o cultivo de espécies e raças nativas, a preservação e manutenção das sementes crioulas, a valorização dos saberes tradicionais, a conservação da agrobiodiversidade, o acesso à mercados, assim como a

reafirmação de outras lógicas econômicas, que passam também pela economia solidária, pela reciprocidade e solidariedade, e sobretudo, na produção de alimentos saudáveis e na reafirmação de que todos/as somos codependentes e ecodependentes (HERRERO, 2019). Desta forma, o trabalho de cuidados, protagonizado pelas mulheres, é fundamental para reprodução da vida. Para Yayo Herrero:

> *Reorientar a economia em direção a um modelo justo e sustentável é uma tarefa urgente. As perspectivas convencionais não são capazes de fazê-lo porque o conjunto de instrumentos e teorias que as forjaram, baseadas em apenas alguns indicadores econômicos, não dão conta daquilo que realmente sustenta a vida humana* (HERRERO, 2020, p. 17).

As experiências aqui analisadas, a partir do uso das ferramentas metodológicas que destacamos, demonstram uma capacidade pungente de ressignificar as práticas sociais e em fortalecer os/as sujeitos/as no reconhecimento de que são essenciais aos processos de produção, organização e cuidado coletivo.

Estas, reafirmam saberes coletivos e individuais que vão além de uma lógica capitalista, cartesiana, permi-

tindo a construção do bem-viver como uma alternativa ao desenvolvimento e não como uma alternativa de desenvolvimento capitalista, apontando para a construção de outras perspectivas e horizontes que, quando construídos em redes, fortalecem a resistência, a luta cotidiana das mulheres, das juventudes, dos/as sujeitos/as diversos/as e dissidentes como a comunidade LGBTQIA+, dos indígenas e povos tradicionais, como as comunidades de fundo de pastos, quilombolas e de todos/as os/as sujeitos/as sociais que são historicamente excluídos/as e dizimados/as pelo sistema hegemônico.

Percebemos alguns limites "comuns" às experiências, e que, por vezes, refletem a pouca capacidade de intervenção crítica e sistêmica para além das questões ditas produtivas. Pensar a transição agroecológica no Semiárido brasileiro, os processos de conversão sistêmicas a partir dos arranjos das políticas públicas e/ou projetos, devem incorporar as dimensões sociais e culturais. Sendo assim, faz-se necessário tratar sobre o rompimento de velhas amarras que ainda pautam o "fazer agroecológico tradicional", como o não enfrentamento à todos os tipos de violência, o combate ao racismo e sexismo, o enfrentamento a LGBTQIfobia, a destruição da natureza centrada na lógica do produtivismo agrícola, dentre outros.

As interconexões de saberes e vivências são transgeracionais e propiciam uma rica troca de experiências que possibilitam construções e reconstruções, uma vez que pensar a partir de um viés agroecológico é pensar numa estrutura coletiva, em rede, que fortalece não só os atores/atrizes envolvidos/as nesses processos, mas também respeita e fortalece o meio ambiente, buscando alternativas para sua segurança e preservação.

Neste sentido, ainda precisamos avançar nas questões sociais e ambientais, promovendo e estimulando o questionamento às relações de poder patriarcal que ainda reinam nos núcleos familiares e que é responsável pela exclusão de mulheres e jovens dos espaços de decisão e de poder. É urgente que as experiências ampliem sua relação com a natureza, reconhecendo esta como sujeita de direito, que deve ser respeitada e preservada. Não deve ser percebida como mera fornecedora de matéria prima, mas como uma mãe/irmã que dela tudo provém. Ao observar as comunidades ainda vemos as práticas de desmatamento, o lixo e acúmulo de plásticos nos "aos redores" de casa, a destruição das

matas ciliares, a pouca valorização do bioma caatinga e sua natureza específica e potente.

Ainda olhando as questões estruturais, esbarramos na estrutura agrária profundamente marcada pela concentração da terra, sendo um dos grandes impeditivos para a reprodução do modo de vida camponês e da agroecologia. A luta pela Reforma Agrária no Brasil ainda é uma questão central quando referimos às práticas da agricultura familiar e camponesa no Semiárido brasileiro.

No mesmo patamar, encontra-se o acesso à água no Semiárido brasileiro e toda a concentração de poder que se estabeleceu historicamente na mão de grandes proprietários e políticos, que usaram a água como barganha para conseguir votos e manter as pessoas submissas e, de certa forma, obedientes.

O acesso à água e à terra são questões fundamentais para serem tratadas a partir (e com) das experiências aqui analisadas. A concentração de poder dos "donos das terras e das águas" é uma realidade ainda presente no Semiárido brasileiro.

Por isso, a importância da incidência política a nível local e nacional e também da necessidade de ampliarmos a nossa concepção de política e do fazer política.

Necessitamos reconhecer a exclusão histórica das mulheres e juventudes dos espaços políticos, da mesma forma que necessitamos transformar a política local.

Compreendemos que a metodologia não tem como objetivo "solucionar" estas questões, mas o mergulho nas experiências nos possibilitou fazer essa leitura a partir do uso das ferramentas participativas e da discussão coletiva que elas geram/propiciam. A questão é como podemos nos apropriar destas problemáticas como motor propulsor de lutas para as reconfigurações políticas nos territórios e partir deles para outras arenas.

Por fim, a experiência de aplicação do método aponta para alguns limites a partir de nossas realidades e necessidades, que vamos apontar aqui no sentido de avançarmos coletivamente para a construção do Método AVACLIM e outros que, por ventura, se inspirem nessa experiência de tamanha importância.

Nessa construção do AVACLIM revelou-se central a Sistematização das experiências e levantamento de dados primários e secundários das experiências, realizados no componente 1 da metodologia, para a aproximação com a realidade a ser estudada.

Na medida em que tivemos total flexibilidade para os ajustes no método, destacamos que é importante compreender o método não apenas como uma sequência de metodologias, mas sim na perspectiva da triangulação, tanto das metodologias e informações geradas nestas, quanto na circulação das informações/ encaminhamentos operacionais do projeto. Para tanto, em experiências nesse formato do AVACLIM, torna-se central aprimorar o processo comunicacional estabelecido entre as diferentes coordenações (geral, locais, etc.) com as equipes locais, proporcionando amplos diálogos e evitando ruídos de comunicação que, por vezes, podem comprometer o processo de construção.

Na experiência do ReCatingamento e de Dona Fafá, aqui analisadas, tornou-se fundamental o uso de ferramentas complementares às que citamos nesta publicação, como a caminhada transversal. Sobre as ferramentas, ainda ficou explícito para nós a importância de se construir a linha do tempo a partir dos/as diferentes sujeitos/as (mulheres, juventudes, etc.).

Esses aprendizados se apresentam como amadurecimento da prática de uma equipe experiente com a realização de trabalhos de natureza dialógica e participativa

e com trabalhos de pesquisa científica e sistematização de experiências. Para que tal equipe atue de forma dinâmica, é fundamental que desde o início do processo se tenha conhecimento de todas as etapas/componentes envolvidos no método, pois as entendemos complementares e interconectadas. A impossibilidade de cumprimento dessa premissa pode reduzir o potencial da metodologia por limitar o papel dos/as sujeitos/as envolvidos/as a meros/as executores/as e de coletas de dados que podem tornassem descontextualizados para as demandas locais, sejam das famílias agricultoras, sejam das organizações e assessorias.

Apontamos que o AVACIM, e as adaptações metodológicas que promovemos no Brasil, devam ser experimentadas em outras situações/territórios/contextos, buscando simplificar a quantidade de etapas/componentes e os instrumentos que compõem cada um dos componentes, sobretudo os indicadores, potencializando sua validação como método uno, coeso e preciso.

Por fim, como aprendizados, destacamos o desafio para construir, coletivamente, terminologias e conceitos numa amplitude tão grande de contextos/realidades distintas estudadas. Nesse sentido, a definição das len-

tes teóricas que orientam as reflexões são ponto central de partida em qualquer experiência desse tipo. É uma homogeneidade de terminologias e conceitos, que nos permitirá uma maior precisão teórica e analítica ao avaliar os dados levantados/sistematizados. Destacamos ainda que tais escolhas teóricas e metodológicas, cada vez mais, na atualidade, devem favorecer uma abordagem interseccional, pondo em diálogo os marcadores de classe, gênero, identidade de gênero, raça, etnia, geração e orientação sexual. As mulheres e homens que constroem a agroecologia no Semiárido brasileiro são expressões materializadas de corpos vivos, que vivem, amam e pulsam, num complexo emaranhado que re-une a terra, os trabalhos e as diferentes formas familiares.

O AVACLIM, ao permitir a adoção de metodologias participativas e suas ferramentas, como aquelas aqui descritas, promoveu diferentes reencontros, animou diferentes processos de construção coletiva dos conhecimentos agroecológicos e contribuiu para o fortalecimento do trabalho territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição do Consórcio Científico e Popular foi determinante para o êxito do AVACIM no Brasil. Esta possibilitou a reconexão, em meio às redes agroecológicas já existentes no país, das organizações, instituições, mulheres e homens que, munidos de suas vivências acadêmicas, empíricas e sobretudo do compromisso social com os campesinos, debruçaram-se sobre as metodologias e seus fundamentos, planejaram e mediaram de forma participativa, sistemática e dialógica cada atividade de campo.

Foi ainda, a partir das intervenções do Consórcio Científico e Popular, possível sistematizar cada experiência aqui relatada COM seus/suas protagonistas e, sobretudo, promover espaços de autoconhecimento e reconhecimento que provocaram leituras críticas de suas realidades, partilha de saberes e práticas e construção de conhecimentos.

As metodologias participativas possibilitaram maior aproximação e diálogo com os protagonistas das iniciativas e seus saberes. As ferramentas participativas utilizadas em suas adaptações para os contextos e reali-

dades que se apresentavam, junto às experiências aqui relatadas, propiciaram a compreensão das relações estabelecidas entre famílias agricultoras, meio ambiente e o contexto sociopolítico, institucional e articulações das comunidades e organizações de assessoria socio técnica.

Esta aproximação e compreensão só foi possível por conta do trabalho desenvolvido pelas organizações não governamentais e seus programas e projetos de assessoria técnica, além da participação destas organizações e das próprias comunidades de articulações, redes socio técnicas e movimentos sociais do campo da Agroecologia no Brasil. Tais organizações, lideradas pelo CAATINGA, integram a Articulação do Semiárido Brasileiro, Articulação Nacional de Agroecologia, a Rede ATER Nordeste e outros coletivos que, mesmo com os retrocessos recentes no acesso a direitos e da própria Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, tem possibilitado conquistas e resistências nas lutas pela promoção da Agroecologia no Brasil, particularmente no Semiárido brasileiro, como o presente trabalho desenvolvido no âmbito do AVACLIM.

A experiência de aplicação do Método AVACLIM rea-

firma a importância das experiências agroecológicas e dos processos de transição agroecológicas para a manutenção da vida no semiárido brasileiro, visibilizando toda sua riqueza e complexidade. Métodos e seus instrumentais metodológicos vão ganhando forma na medida em que são apropriados pelos diferentes atores (assessoria técnica, famílias agricultoras, agentes de políticas públicas e gestores/as) na apreensão dos dados gerados para a compreensão da realidade, assim como na construção de novas estratégias para melhorando da produção, da geração de renda (monetária e não monetária) e novas relações sociais mais igualitárias e justas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lucas Ricardo Souza. Recaatingamento e transição agroecológica no contexto do projeto AVA-CLIM na comunidade de Ouricuri, Uauá – Bahia – Brasil. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Agronômica) UNIVASF. Petrolina/PE. 2022

HERRERO, Yayo.. Economia Ecológica e Economia Feminista: um diálogo necessário In Economia Feminista e Ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios. São Paulo: SOF – Sempreviva Organização Feminista, 2020.

MARINHO, Cristiane Moraes; FREITAS, Helder Ribeiro. Utilização de Metodologias Participativas nos processos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER): Fundamentos teórico-práticos. Extramuros, Petrolina-PE, v. 3, n. 3, p. 10-28, edição especial, 2015. Disponível em: https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/download/764/526 Acesso em 18 jan. 2023

"A agroecologia está
Para além da produção
Na mulher se transformar
E enfrentar a opressão
A sua postura critica
Tem garantido a politica
No sentido dialógico
Sem a mulher nesse esquema
Nenhum agroecossistema
Seria agroecológico

Desde aprender a plantar
À maneira de colher
Tem que saber semear
Primeiro o nosso saber
Essa atitude sabida
Está no modo de vida
Camponês tradicional
Cada saber processado
Nasceu do aprendizado
De um olhar ancestral

É preciso agradecer
Ao projeto Avaclim
Por conseguir nos fazer
Um projeto bom assim
A força desse instrumento
Floresce no pensamento
De cada uma de nós.
Como a semente no ar
Que a gente possa espalhar
Para o mundo a nossa voz

Porém essa massa critica
De saberes velho e novo
Tem que torna-se politica
No dia a dia do povo
A cisterna tem mostrado
Que um programa de Estado
Quando começa do chão
Faz da agroecologia
Alta tecnologia
De conviver no Sertão

Está no jeito de olhar
Pras as coisas da natureza
A maneira de criar
Esta razão camponesa
Tecnologia é chão
Nasce dentro do Sertão
Dentro do cotidiano
Observando a natura
Praticando a agricultura
Lendo o céu de cada ano

Nesse lugar de mudança
E de consciência astuta
É a mulher que balança
Nossa bandeira de luta
Por ser quem mais sofre a dor
Forjou no peito uma flor
De coração de mulher
Fez do quintal, sua asa
E fez do mundo uma casa
Pra ir pra onde quiser

Não precisa matemática
Nem olhar pela luneta
Pra ver a crise climática
Que se espalhou no planeta
Degelo, seca e enchente
Terra fria, terra quente
Fome, expropriação
Destruir a natureza
Tem sido a maior certeza
De nossa destruição

Porém, por um outro lado
A ciência camponesa
Tem mostrado o resultado
De se sentir natureza
Com a agroecologia
O semiárido que um dia
Foi lugar de enfermidade
Alterou seu caminhar
Pra poder se transformar
Em outra realidade

Da cozinha ao chiqueiro
Do mercado à plantação
Tudo é tecnologia
Para o povo do Sertão
Nós precisamos pensar
Seu verdadeiro lugar
Na vida de nossa gente
Pois a agroecologia
Requer tecnologia
Para tornar-se potente"

Caio Meneses

Facilitação gráfica do webnário AVACLIN com o tema "Feminismo e Agroecologia". Moderadora: Laeticia Jalil - Universidade Federal Rural do Pernambuco. (12/08/2022)

Facilitação gráfica do webnário AVACLIN com o tema "Convivência com o semiárido e as tecnologias sociais".
Moderadora: Cristiane Marinho - Instituto Federal do sertão pernambucano. (26/08/2022)

Dia 1 - Intercâmbio entre agricultores da Ecoararipe com a Cooperativa Agrofamiliar de Canudos, Uauá e Curaçá - COOPERCUC, e Comunidade Tradicional Ouricuri, experiência do recaatingamento.
Dia 2 - Troca de sementes e carrossel de experiências no Centro de formações Dom José Rodrigues do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA. (Agosto, 2022)

O método AVACLIN e os caminhos da Agroecologia no semiárido brasileiro. (Setembro, 2022)

APRESENTAÇÃO DOS/AS AUTORES/AS

Cristiane Moraes Marinho, pedagoga, doutora e mestre em Extensão Rural. Professora do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), Campus Santa Maria da Boa Vista/PE. Membro permanente do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT) e colaboradora do Mestrado Profissional em Extensão Rural (PPGExR) ambos da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) também integra o Núcleo de Pesquisa e Extensão Sertão Agroecológico/UNIVASF. Tem desenvolvido trabalhos de ensino, pesquisa e extensão na área das intervenções sociais participativas, agroecologia, formação de extensionistas rurais e formação docente nos cursos de licenciatura do IFSertãoPE.

cristiane.marinho@ifsertao-pe.edu.br cristianeifsertao@gmail.com

Helder Ribeiro Freitas, Doutor em Solos e Nutrição de Plantas com ênfase em Planejamento de Uso da Terra e Ecologia da Paisagem, Professor do Colegiado de Engenharia Agronômica da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e junto aos Programas de Pós-graduação Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT/UNIVASF) e Mestrado Profissional em Extensão Rural (PPGExR/UNIVASF) e coordena o Núcleo de Pesquisa e Extensão Sertão Agroecológico, atuando em temas como intervenções sociais participativas, avaliação processos de transição agroecológica, do uso e manejo sustentável de agroecossistemas.

helder.freitas@univasf.edu.br

José Nunes da Silva é agrônomo, mestre em Extensão Rural e Doutorado em Sociologia. Atua no Bacharelado em Agroecologia da UFRPE e no Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da mesma instituição. Trabalha, principalmente com as temáticas do campesinato brasileiro, reforma agrária, povos tradicionais e indígenas no nordeste brasileiro e juventudes rurais e populações LGBTQIA+ no rural brasileiro.

zenunes13@yahoo.com.br

Laeticia Medeiros Jalil, Socióloga, feminista, doutora em Ciências Socias, com ênfase em Gênero, agroecologia, feminismo e mulheres rurais. Professora do Programa de Pós-graduação Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT/UNIVASF). Coordena o Núcleo JUREMA: Feminismos, Agroecologia e Ruralidades UFRPE. Coordenação colegiada do GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia. Desenvolve trabalhos com mulheres rurais e urbanas. Tem experiência em elaboração, gestão e monitoramento de projetos e políticas sociais, sistematização de experiências e realização de pesquisas voltadas ao desenvolvimento e fortalecimento organizacional de comunidades e movimentos sociais.

Laeticia.jalil@ufrpe.br

Marcelo Casimiro Cavalcante, Zootecnista, doutor em Produção animal, com ênfase em Abelhas e polinização de culturas agrícolas, Professor no Instituto de Desenvolvimento Rural da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (IDR/ UNILAB) e Coordenador do Grupo de Agroecologia e Interações com Abelhas (GAIA), onde tem atuado no campo da agroecologia com análise de agroecossistemas e criação e manejo de diversos grupos de abelhas para aumentar a eficiência dos processos produtivos junto aos agricultores familiares e povos indígenas no estado do Ceará.

marcelocasimiro@unilab.edu.br

Aldrin Martin Perez-Marin, é Engenheiro Agrônomo, Doutor em Ciências pela Universidade Federal de Pernambuco, com pós-doutorado em Agroecologia na University of California, Berkeley/Department of Environmental Science, Policy, and Management/Laboratory of Agroecology, Estados Unidos. Atualmente é Pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido (INSA/MCT) e Professor Permanente dos Programas de Pós Graduação em Ciência do Solo da UFPB-CCA e Ecologia e Conservação de Ecossistema da Universidade Estadual da Paraíba, na área Ciclagem Bioquímica biogeoquímica, desertificação e Sistemas de produção de base agroecológica no âmbito do semiárido brasileiro.